

**Uma proposta para ensinar a paisagem das ruas; (IN) visibilidade social, dimensões psicossociais e educativas**

Helena Edilamar Ribeiro Buch<sup>1</sup>  
Maria de Fatima Quintal de Freitas<sup>2</sup>

**Resumo:** Nosso objetivo consiste em investigar a subjetividade da relação entre sujeito e paisagem, face à invisibilidade das populações vulneráveis, como os catadores de material reciclável presentes nas ruas da cidade de União da Vitória, PR. Com base em aportes teóricos de Santos (2004, 2008) para compreender o efeito das desigualdades sociais e territorialidades urbanas nas paisagens urbanas vividas pelas pessoas e na perspectiva da Psicologia Social Comunitária conforme Freitas (2005, 2008) no sentido de propor um contexto-base para a construção de uma reflexão pró-cidadania e direitos humanos e nas dimensões relativas aos processos de conscientização pela educação com apoio na filosofia de Paulo Freire (1987, 1996, 2000). A metodologia apresenta dois momentos: um relativo à base bibliográfica, e outro relativo ao campo empírico. No campo empírico, através de entrevistas baseadas em histórias orais sobre o modo de vida nas paisagens de rua. Os resultados mostram que a paisagem possui simbologias presentes nos sentimentos, nos valores, na visibilidade ou invisibilidade social, retratando o descaso com a população carente e vulnerável, cujos membros são ignorados, isolados como ilhas.

**Palavras-chave:** Paisagem, ensino, invisibilidade social.Z

**A proposal to teach the landscape of streets; social (IN) visibility, educational and psychosocial dimensions**

**Abstract:** Our goal is to investigate the subjectivity of the relationship between subject and landscape, given the invisibility of vulnerable populations such as the collectors of recyclable material present in the streets of União da Vitoria, PR. Based on theoretical contributions of Santos (2004, 2008) to understand the effect of social inequalities and urban territoriality in urban landscapes experienced by people and the prospect of Community Social Psychology as Freitas (2005, 2008) to propose a framework based to build a pro-citizenship reflection and human rights and the dimensions relating to awareness processes for education to support the philosophy of Paulo Freire (1987, 1996, 2000). The methodology has two parts: One on the bibliographic database, and the other to the empirical field. In the empirical field, through interviews based on oral histories about the way of life in the landscapes of the streets. The results show that the landscape has symbologies, present in the feelings, values, visibility or social invisibility, depicting the neglect of the poor and vulnerable, whose members are ignored, as isolated islands.

**Keywords:** Landscape, education, social invisibility.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR- Campus de União da Vitória. Professora adjunta do Colegiado de Geografia. Doutora em Educação. helenabuch@bol.com.br

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo – USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal do Paraná – UFPR. fquintal.psc@terra.com.br

## Introdução

A vida emerge diariamente em infinitas paisagens ao longo da existência humana. As paisagens naturais são reveladas na vegetação, relevo, clima, hidrografia, e as paisagens humanizadas com suas múltiplas funções e significados determinados pela ação humana. Para cada pessoa a paisagem tem um significado, valores, traduzidos em sentimentos de apego ou desapego. Nesse sentido, descreve Santos (2008, p.67): “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca.” Ensinar sobre a realidade da paisagem é anunciar que ela se constrói a partir das relações entre os seres humanos e natureza, ao longo do tempo, trazendo marcas do passado e transferindo informações para as gerações do futuro. “É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons, medo.” (*op. cit.*, p.68)

A diversidade das paisagens naturais está diretamente relacionada ao clima, hidrografia, relevo, latitude, e altitude do lugar onde se localizam; já as paisagens humanizadas são construídas, homogêneas, expressam alegria, tristeza, mas a diversidade está nas disparidades sociais. Nos países subdesenvolvidos as paisagens refletem a exploração, visualizada na paisagem da pobreza e da desigualdade social não só através da transformação das relações de trabalho, mas também da exclusão social das populações de pessoas sem qualificação profissional, desempregados, que encontram alternativa de sobrevivência no subemprego; entre os mais desprezados estão os ligados ao lixo. (BOSI, 2008; SANTOS, 2008). Nossa referência de paisagem neste estudo situa-se em União da Vitória-PR, região marcada pela colonização de exploração da madeira de araucária de forma insustentável, que esgotou este recurso natural, alterando a paisagem e gerando conflitos e empobrecimento das atividades e modo de vida no campo, desencadeando o êxodo rural. Esta população com pouca ou nenhuma escolaridade para as exigências do mercado de trabalho encontrou saída no subemprego. Outro agravante são os fenômenos climáticos cíclicos, com elevação acentuada de pluviosidade que provoca enchentes que assolam a região, alagando principalmente a área urbana da cidade que se encontra sitiada em um vale formado pelo Rio Iguaçu. Diante disso, a opção do trabalho com lixo surgiu como alternativa, uma vez que não apresenta determinações eliminatórias para o seu ingresso.

As paisagens do lixo refletem um ambiente de exclusão; não somente do ambiente físico em relação aos bens naturais não renováveis, mas especialmente pela omissão de atitudes ambientalmente corretas e a ausência de contribuição e até descaso com a população que trabalha diretamente com o lixo. Embora esta atividade seja ecológica e socialmente

necessária, os trabalhadores convivem com riscos à saúde, à contaminação, devido às condições precárias deste trabalho; concomitante com outros atores sociais situados em escalas sociais onde a exclusão se reproduz e caracteriza a invisibilidade psicossocial, na paisagem das ruas, são vistos, mas ignorados.

Os aportes teóricos que guiam este estudo estão baseados em três dimensões: a) no campo da psicologia social comunitária, dentro de uma proposta de conscientização e participação comunitária, com autores como Freitas (1994, 2005, 2008, 2014) e Lane (1981, 2001); b) na dimensão das desigualdades sociais e territorialidades derivadas, em parte, do campo do ensino da Geografia, com autores como Santos (2003, 2004, 2008); e c) na dimensão educativa com a proposta de educação conscientizadora apoiada na filosofia de Paulo Freire (1987, 1996, 2000). A construção da pesquisa foi desenvolvida em dois momentos. Primeiramente a revisão e levantamento das pesquisas realizadas junto ao contexto e dinâmicas dos catadores de lixo, com finalidade de sistematizar e identificar problemas centrais vividos por eles em seus impactos na vida cotidiana. Acrescente-se, ainda, autores e abordagens em que foram sistematizadas e reunidas as referências teóricas que permitiram analisar os impactos, na vida cotidiana e nas relações estabelecidas, desse vivido no e do lixo e desse deambular pelas ruas da cidade buscando modos de sobrevivência e de existência psicossocial. O segundo momento refere-se à coleta de informação e depoimentos fornecidos pelos próprios catadores em seu trabalho de deambulação diário. Nesta fase, através da utilização de entrevistas sob a forma de narrativas e histórias vividas pelos catadores no seu dia a dia, foi possível construir um perfil da realidade desta paisagem. Desta forma, trazer à visibilidade a invisibilidade desta atividade na paisagem das ruas, como proposta de ensino, foi construir uma leitura dentro da realidade visando minimizar a omissão social ecológica e desta forma colaborar com a cidadania contribuindo como educação como ato político e processo de humanização essencial para transformação da sociedade.

Na primeira parte o artigo apresenta uma reflexão sobre os efeitos da descaracterização da paisagem natural e da eclosão do subemprego: caso dos catadores de lixo reciclável em União da Vitória, intimamente ligado à extração da madeira de forma exploratória. A segunda parte refere-se ao levantamento bibliográfico relativo às pesquisas e publicações sobre os catadores de lixo. O período selecionado para pesquisa foi de 2000 a 2014, estando tais publicações relacionadas aos catadores de lixo, nas várias dimensões da vida e atividades cotidianas. Derivados da análise deste conteúdo foram encontrados os seguintes tópicos: Viver do Lixo ou no Lixo: que condição de trabalho existe? Riscos vividos pelos catadores de lixo. Na terceira parte busca-se relacionar algumas dimensões comunitárias

construídas como formas de educação popular que fortalecesse formas de participação dessas pessoas na busca de melhoria de vida. (FREIRE, 1987, 1996, 2000; FREITAS, 1994, 1996, 2002, 2003, 2005, 2008, 2014; LANE, 1981, 2001).

Os resultados mostram que a paisagem possui simbologias presentes nos sentimentos, na visibilidade ou invisibilidade social, retratando o descaso com a população carente e vulnerável que é ignorada, isolada como ilha, na paisagem (des)humanizada da paisagem. O analfabetismo e o analfabetismo funcional atingem 46% desses trabalhadores (IBGE, 2010). Por isso, acreditamos que a educação pode colaborar para libertar as pessoas dessa realidade de opressão social. Nesta perspectiva, Freitas (2014, p.137) descreve que “o campo da educação se constitui em um contexto base para a construção de uma cultura pró-cidadania e direitos humanos nas relações comunitárias”. Entende-se que a escolaridade inclui ou exclui do mercado formal de trabalho, bem como o analfabetismo e anos de estudo são indicadores de inclusão social. Ao final, propõe-se uma reflexão sobre algumas dimensões considerando-se aspectos ligados ao ensino da paisagem como possibilidade de desvendar uma realidade subentendida tornando visíveis os invisíveis na paisagem das ruas nas cidades.

### **Desenvolvimento:**

*Os efeitos da descaracterização da paisagem natural e da eclosão do subemprego: o caso dos catadores de lixo reciclável em União da Vitória.*

A região pesquisada é banhada pelo Rio Iguaçu e seus afluentes, e constitui-se, em grande parte, de áreas inundáveis periodicamente; além disso, a presença de serras não facilita a agricultura e a pecuária. Por efeito desta realidade, entre outros motivos, a região não tem destaque agrícola. A maioria da população que vive da agricultura desenvolve a agricultura de subsistência. Esta região, como outras, está inserida na realidade da economia do Brasil sob influência das características financeiras do capitalismo em processo de globalização e seus avanços, adequando-se à realidade local, visando à exploração dos recursos naturais, representados nesta região pela madeira, que se encontrava em abundância na floresta de araucária, e favorecida pela mão de obra barata (FAGUNDES; RIBAS, 2002).

Os primeiros habitantes desta região encontravam na natureza recurso para viverem alimentando-se da caça, pesca e de frutos, principalmente do fruto das araucárias, o pinhão, encontrado em quantidade suficiente para a alimentação, que era enriquecida por bebidas produzidas a partir de folhas cruas ou secas e moídas para depois serem fervidas como chá, ou

escaldadas com água quente, como mate ou chimarrão; conhecida como erva-mate, esta espécie cresce junto com a floresta de araucária e a imbuia, e despontou como primeira economia da região<sup>3</sup>.

Retomando as características econômicas desta região, como em muitas regiões neste país onde existia recurso natural em abundância e predomínio de mão de obra primária, esta foi explorada; utilizaram-se os recursos naturais e a força braçal desvalorizada, para lucrar. Com o propósito de desenvolver a região mirando-se no exemplo de outras regiões brasileiras e seus colonizadores, com a prerrogativa de desenvolver a região, incentivou-se a vinda de colonos poloneses, ucranianos e alemães, que viam a necessidade de desmatar para plantar e produzir, diferenciando-se do sertanejo, dependente do ciclo natural da floresta e de seus recursos. Contudo, isso favoreceu a miscigenação étnica, refletindo-se em diferentes modos de apropriar-se da natureza e de modificá-la em seu benefício, e com isso o habitante foi gradativamente transformando-se com ela, assim como suas necessidades e as concepções sociais e econômicas. (SILVA,1933;RIESEMBERG,1989).

Esta disparidade gerou um conflito pela posse destas terras, que envolveu os colonizadores e sertanejos, sob a maestria de interesses estrangeiros que se apossaram da riqueza florestal desta região, em total descaso com a população e seus descendentes que já nasceram empobrecidos, desconhecendo a riqueza florestal que existia nesta região. A exploração da floresta por estrangeiros, e seu repatriamento dos lucros, empobreceu a região e escasseou-se o alimento da população nativa, iniciando um conflito que, reunindo outras causas, culminou com a guerra do Contestado (THOMÉ, 1992). O final do conflito caracterizou-se pelo extermínio dos poucos defensores da terra, iniciando-se assim um movimento de migração interna à procura de segurança e sustentabilidade.

Empobrecida a população da área rural e os recursos naturais que davam sustentação a esse povo, iniciou-se um movimento de deslocamento dessa população para as vilas e povoados e para a cidade de União da Vitória. Essa população sem escolaridade, acostumada a viver da coleta dos recursos naturais, chegou à cidade à procura de emprego em uma região

---

<sup>3</sup>O ciclo econômico da erva-mate inseriu no mercado de trabalho os habitantes nativos desta região, que recebiam pela coleta das folhas e ramos após longas caminhadas em meio à floresta que conheciam como a palma da mão. A erva-mate é natural desta região e cresce em pequenos grupos da mesma espécie. Encontrava-se outrora espalhada por longos espaços, o que exigia que o coletor ficasse horas caminhando, não podendo vir para casa fazer sua alimentação; por isso levava alimento, ou quando era tempo de pinhão maduro, fazia sapecada de pinhão, ateando fogo na grimpa (galho seco que cai do pinheiro) e misturando ao fogo alguns pinhões, que submetidos ao calor ficam prontos para o consumo. Muitas vezes assavam também um peixe, ou uma caça.

que se encontrava em franca decadência das atividades primárias extrativas, explorada ao longo de aproximadamente 70 anos.(FAGUNDES; RIBAS,2002). Com poucos recursos, sem poder comprar um lugar para morar, iniciaram uma ocupação em áreas de risco, nas margens do Rio Iguaçu, em constante controle do aumento do volume do rio por ocasião das enchentes. Repete-se, como em outros lugares, a falta de infraestrutura potencializada pelas enchentes, que leva esta população, a partir de 1990, à coleta de material reciclável como recurso de sobrevivência. Se, por um lado, isto pode revelar a carência de absorção de mão de obra e de oferta de trabalho, por outro indica condições e situações aviltantes para as quais as políticas públicas não podem fechar os olhos, se pensarmos nas dimensões psicossociais das pessoas e famílias imersas na situação de lixo.

#### *Características da paisagem do lixo*

As pessoas que não tiveram oportunidade de escolarização, e para quem muitas vezes faltam oportunidades para qualificação profissional, acabam encontrando o subemprego como opção. Entre algumas alternativas está o trabalho com o lixo, quando se expõem ao contato com bactérias, objetos perfurantes, e também a toxinas quimicamente nocivas à saúde. Pode-se dizer, nesta situação, que o odor derivado desse trabalho no lixo acaba por impregná-los, o que colabora para que sua exclusão social seja reforçada, fortalecendo uma distância social. Somados a isso destacam-se alguns efeitos psicossociais da exclusão econômica, expressados no ficar à margem do convívio social, sendo essas pessoas tratadas como párias nos níveis de interação social.

No Brasil são produzidas cerca de 240 mil toneladas de lixo por dia (IBGE, 2010), acumulado principalmente nas regiões de maior concentração populacional. O lixo reciclável é considerado valioso para a população de catadores, que enfrenta muitos obstáculos para poder recolher o quanto mais conseguem carregar para depois vender o que é reciclável, transportando peso além da sua capacidade física.

Com o acúmulo de lixo produzido pelo excesso de bens descartáveis houve a necessidade de afastar o lixo dos centros urbanos, criando-se os lixões onde fica depositado o lixo. O Brasil possui 2 906 lixões cadastrados e distribuídos por 2 810 municípios, conforme registros do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2013), não estando aqui computados os lixões espalhados em terrenos baldios que não são controlados e nem cadastrados. A título de ilustração dessas precárias condições dos lixões e de seus trabalhadores, pode-se citar o lixão do Jardim Gramacho, que foi considerado o maior no

Brasil e na América Latina no final do século passado. Está situado no município de Duque de Caxias no Rio de Janeiro e foi fechado em 2012, depois de 34 anos de funcionamento. Lá trabalhavam mais de 1200 catadores diariamente, homens e mulheres acompanhadas muitas vezes por crianças que sofriam toda série de preconceitos em relação à sua condição humana e sendo equiparados a animais predadores, como aconteceu em reportagem de 20 de julho de 2003, no *Jornal do Brasil* em matéria intitulada “Famílias disputam comida com ratos e urubus”.

Dentro da paisagem das cidades vemos diuturnamente o trabalho de coleta domiciliar que consiste em remover, em dias alternados, das ruas das cidades, o material descartado, normalmente misturado a resíduos secos e perecíveis e nem sempre acondicionado adequadamente. Os catadores encontram-se expostos a condições de trabalho insalubres, que acarretam uma maior taxa de morbidade e mortalidade que a existente na média da população.

A maioria dos catadores desenvolve suas atividades na clandestinidade, convivendo com a insalubridade e sendo excluída da proteção trabalhista de planos de saúde, além de ser mais ainda explorada pela negociação dos chamados atravessadores que rebaixam o valor do material recolhido.

A partir da década de 1990, surgiu o Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis (MNCR), que realizou em 2001 o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, em Brasília. Este movimento tem como objetivo garantir o protagonismo popular dos catadores garantindo a sua independência em relação aos partidos políticos, governos e empresários. Busca organizar a categoria em torno dos princípios da solidariedade de classe, reunindo forças para lutar contra a exploração das indústrias recicladoras que usufruem deste trabalho, pagando o mínimo pela mão de obra. Entre as principais metas está a incorporação da atividade de catador de material reciclável à CBO (Classificação Brasileira de Ocupações).

O Movimento Nacional dos Catadores estima que existam no Brasil cerca de 800 mil catadores cadastrados trabalhando principalmente nos grandes centros urbanos, mas a informalidade não é mensurada.

Quando os catadores fizeram-se visíveis nas grandes cidades, era possível quantificá-los em milhares. Estima-se que, no ano de 2005, a população de catadores no Brasil tenha ultrapassado 1 milhão de trabalhadores (UnB, 2005) [...] O crescimento dessa força de trabalho foi bastante intenso nos últimos quinze anos. Se considerarmos, por exemplo, que no ano de 1999 existiam cerca de 300 mil trabalhadores envolvidos com a cata de recicláveis, o aumento percebido em relação ao ano de 2005 foi superior a 240%. (BOSI, 2008, p. 103)

O fato desse tipo de trabalho ser predominantemente clandestino dificulta o cadastramento para um levantamento estatístico correto da realidade. Além disso, muito(a)s catadores(as) não se declaram como tal em função do preconceito, e desta forma os dados são muito mais uma estimativa da categoria.

Mesmo que a catação de lixo possa ser necessária à vida do ambiente urbano na sociedade de consumo, os catadores que sobrevivem do que é considerado lixo trabalham na informalidade, executando uma função sem reconhecimento e sendo ignorados socialmente.

Os pobres, sobretudo os pobres urbanos, não têm o emprego, mas têm o trabalho, que é o resultado de uma descoberta cotidiana. O trabalho com lixo é uma forma. Esse trabalho raramente é bem pago, enquanto o mundo dos objetos se amplia. (SANTOS, 2003, p. 28)

Essa reflexão nos remete a pensar sobre quem são esses trabalhadores que, não encontrando emprego, descobrem na clandestinidade o trabalho com lixo. A globalização da economia mundial aumentou a pobreza e a desigualdade social, por meio do processo de exclusão social das populações e territórios, distinguindo regiões de investimento daquelas em que não há interesses financeiros. Mesmo em espaços regionais menores, observa-se haver os efeitos de propostas que priorizam o desenvolvimento econômico, em detrimento da valorização das relações de trabalho entre as pessoas, contribuindo, muitas vezes, para deixar à margem os interesses dos grupos e comunidades que estão assentados em valores mais comunitários.

Os contextos de globalização e as relações geradoras de exclusão e de formas sutis de discriminação têm re-apresentado, para as práticas em comunidade, questões cruciais na perspectiva da sobrevivência social e psicossocial dos diversos atores sociais, assim como para a preservação das redes mínimas de solidariedade. (FREITAS, 2005, p.47)

Assim, o consumo parece constituir-se em uma obrigatoriedade na sociedade globalizada, servindo como divisor de águas, entre ricos e pobres. Desta forma, assiste-se a uma pobreza estrutural globalizada, que contribui para fortalecer o desemprego e uma remuneração mais baixa, ao lado de um Estado que se faz pouco presente, visto que substitui sua proteção social por favores e formas diferenciadas de assistencialismo. Bem aponta Santos (2003, p. 35) ao afirmar que “Alcançamos, assim, uma espécie de naturalização da pobreza, que seria politicamente produzida pelos atores globais com a colaboração consciente dos governos nacionais.”.

Assiste-se, assim, ao processo de exclusão social vendo as pessoas mergulhadas em dificuldades, sem trabalho formal, não tendo onde morar ou o que comer, dedicando-se a trabalhos temporários, sendo obrigadas a aceitar trabalhar nas circunstâncias de descaso e riscos como única oportunidade. E é neste cenário que muitos buscam no lixo a sua sobrevivência. O mundo do trabalho e as mudanças aguçadas pela dinâmica e velocidade do mundo globalizado contribuem para que as várias formas de precarização do trabalho aconteçam, de tal modo que a atividade dos catadores de lixo na paisagem das cidades seja marcada pelo limite da sobrevivência e da dignidade humana. Trata-se de um trabalho também marcado pelo caráter temporário, e mesmo recebendo algum tipo de pagamento, isto não lhes garante o cumprimento dos direitos trabalhistas, visto que é uma atividade informal, acontecendo à margem da economia oficial, e em condições insalubres e muitas vezes tidas como invisíveis, embora muito reais e cruéis. Associados a isto, além da desvalorização direta de seu trabalho, podem surgir sentimentos de inutilidade, de desvalorização e de uma insegurança em suas atividades que, inclusive, ficam à mercê das intempéries climáticas, sendo esse trabalhador equiparado, de maneira sutil, ao lixo que ele coleta.

*Viver do lixo ou no lixo: que condição de trabalho existe?*

Vários estudos e pesquisas têm buscado localizar o início das atividades de catação do lixo nas cidades brasileiras. O registro a respeito dos primeiros catadores de lixo, nas cidades brasileiras, aparece de maneira literária no poema de Manuel Bandeira em 1947, intitulado "O Bicho". Refere-se às pessoas que deambulavam pelas ruas das cidades buscando nos restos do lixo algo para matar sua fome. O dramaturgo Plínio Marcos, em 1978, escreveu uma peça de teatro chamada "Homens de Papel", que ao focar a exploração do trabalho destaca a atividade dos catadores que se submetem a variadas formas de expropriação, como os atravessadores ou compradores do material que recolhem no lixo das ruas.

Os catadores de papel, de material reciclado ou de lixo referem-se às pessoas que recolhem papel, papelão, latas, vidros e resíduos sólidos e que são descartados pela população. Este tipo de trabalho, nas décadas de 1970 e 1980 nas cidades brasileiras, configurava-se como uma forma de subemprego surgida como alternativa de sobrevivência para muitos desempregados e moradores de rua. Permaneceu da mesma forma até 1980, como ocupação desvalorizada e desenvolvida por moradores de rua (BOSI, 2008; CAVALCANTE;

FRANCO, 2007). Com a entrada do lixo como matéria comercial lucrativa, a partir da década de 1990, através da reciclagem de vários materiais, multiplicaram-se as pessoas envolvidas nessa atividade, geralmente provenientes das grandes ondas de desemprego e do próprio êxodo rural, como atividades dos pobres urbanos. (SANTOS, 2003; MEDEIROS; MACEDO, 2006; SEVERO, 2008; VELLOSO *et al.*, 2008).

Diante desta nova fatia de mercado direcionada ao lixo, observa-se que o descarte diário de resíduos nas cidades nem sempre é classificado como lixo, visto que se podem ser reutilizados, são então considerados materiais recicláveis. Nessa direção, a atividade desenvolvida pelo catador pode ser vista como uma prestação de serviço, porém isto não garante sua entrada no mercado formal e valorização social, já que continua desempregado, sem registro formal, sem direitos trabalhistas e exercendo uma atividade pouco valorizada socialmente e altamente precarizada do ponto de vista de condições dignas de trabalho.

Gazzinelli *et al.* (2001, p. 226) destacam os aspectos da não visibilidade dos catadores por parte da população, como se ao fazer isso fosse possível eliminar as condições desumanas que os trabalhadores do lixo estão submetidos. Além disso, há que se destacar algumas condições objetivas de precariedade do trabalho ligadas ao fato de que o lixo jogado é um atrativo para animais e insetos, propiciando doenças e aumentando os fatores de riscos ambientais que provocam alagamentos e inundações no período das chuvas, principalmente na região foco deste estudo, onde as enchentes são comuns e periódicas.

Estudos desenvolvidos por Velloso *et al.* (2005, 2008), Santos e Silva (2011), Medeiros e Macedo (2006) destacam a insalubridade, a exclusão social e a falta de políticas públicas dirigidas a esse grupo social, os catadores, que deveriam ser considerados como cidadãos. Além disso, foi identificado que esses cidadãos tornam-se vítimas da exclusão, dos preconceitos e dos estigmas ligados à sensação de nojo referida ao lixo na paisagem e que “contaminaria” esses trabalhadores do lixo (MEDINA, 2007).

A vivência concreta dessa situação, isto é, o identificar-se como um instrumento de transporte de dejetos, implica experiência de determinadas condições desagradáveis do estado psíquico, sobretudo na vida emocional dos sujeitos (VELLOSO, 2005, p. 694).

Também na pesquisa descrita por Medeiros e Macedo (2006), os catadores têm uma autoimagem negativa de sua profissão e posição social, visto que sofrem humilhação, vergonha e descrédito e não desejam isso para seus filhos. A imagem do catador debulhando, publicamente, o lixo expõe sua pobreza gerando, entre os próprios catadores, um desprezo e

discriminação pelo trabalho que realiza, produzindo o que Velloso *et al.* (2005) denominam de uma imagem com “mal-estar psíquico”. Agregue-se a isto também a falta de expectativa de melhoria nesse tipo de trabalho, o que resulta em uma falta de esperança quanto às condições de sobrevivência, aumentando seus aspectos negativos e o seu fardo no cotidiano vivido.

### *Riscos vividos pelos catadores de lixo*

O cotidiano no trabalho árduo, longo, repetitivo e constante não oferece pausa durante o processo da coleta de lixo; assim os catadores realizam suas tarefas em ritmo acelerado, num esforço físico constante. Por isso o esforço chega a limites que ameaçam a saúde, já debilitada pelas condições precárias vividas em sua realidade social. Mesmo com dores no corpo pelo esforço, hipertensão ou nervosismo, o catador tem que continuar, não havendo o acesso a programas de saúde preventiva.

Outro aspecto a destacar refere-se ao próprio trabalho realizado pelos catadores, no sentido de seu corpo servir como ferramenta de manuseio e de transporte da coleta de lixo que faz. Assim, ele se coloca frequentemente em situações de riscos e acidentes diários. Mesmo os catadores mais experientes não conseguem prever as condições de realização de seu trabalho, dada a imprevisibilidade que é uma marca em seu trabalho. Assim, enfrentam diferenças climáticas de sol e chuva com grandes variações de temperatura, não possuindo roupas e calçados adequados que os protejam e facilitem sua caminhada, além do trabalho ser efetuado em horários difíceis de tráfego e em terrenos acidentados, exigindo-lhes um esforço maior para puxar seus carrinhos, o que lhes aumenta os riscos de danos e sequelas em suas articulações (Velloso *et al.*, 2008). Outra pesquisa desenvolvida de caráter epidemiológico (RÊGO; BARRETO; KILLINGER, 2002) objetivou conhecer como as mulheres catadoras mães compreendem os riscos da convivência com o lixo que veicula doenças transmitidas através do contato direto com ratos, baratas e moscas, ou indireto por meio de animais domésticos doentes, em contato com suas crianças, muitas em fase de alimentação no contato da saliva com pele e unhas. Embora essas mães conheçam os riscos, não diminuíam as situações de exposição e, quando muito, não desejavam isso aos próprios filhos, mas não possuíam outra forma de sobrevivência. Os resultados da pesquisa de Gonçalves (2004) mostraram que as catadoras têm entendimento de que o lixo é causador de doenças e de várias patologias como as “dores corporais, problemas os teoarticulares e hipertensão, verminoses, infecção intestinal, gripe, leptospirose, dengue, meningite, dor de cabeça, febre, alergia,

náuseas” (p. 59), contudo esse conhecimento não lhes dá o direito de parar com o único trabalho que traz renda para sobreviver. Existe também a falta de informação sobre os perigos da atividade, assim como de apoio e assistência médica para combater ou prevenir as condições insalubres do trabalho. Os estudos mostraram que apesar de haver uma certa indignação por parte dos catadores, também existia conformidade e aceitação dos riscos no trabalho que desenvolviam (VELLOSO *et al.*, 2005), justificando-se por não encontrarem outra oportunidade.

Para Lazzari e Reis (2011) os acidentes de trabalho mais frequentes são aqueles referentes ao acondicionamento do lixo, quando os catadores o estão recolhendo nas ruas, o que demonstra o descaso da população que descarta o lixo. São encontrados camuflados no lixo vidro quebrado, seringas, espinhos e ferpas que, em contato com as substâncias do lixo, ficam contaminados e cortam, ferem.

Nos depósitos de lixo é comum a presença de crianças que acompanham seus pais ou cuidadores durante o trabalho e ficam brincando no lixo. Ferron, Saldiva e Gouveia (2012) estimaram em suas pesquisas a prevalência de intoxicação por chumbo em 16% das crianças na faixa etária de zero a cinco anos dentro de um grupo de 100 moradoras do lixão em Porto Alegre.

Outros estudos (ROZMAN *et al.*, 2010) mostraram haver um alto índice de anemia entre os catadores, devido a uma alimentação pobre em proteínas, agravada pelo excesso de esforço físico. Porto *et al.* (2004), quando investigaram as características de trabalho e de saúde de 218 catadores de materiais recicláveis do aterro metropolitano no Rio de Janeiro, descobriram que os catadores tendem a negar que este trabalho gera problemas de saúde.

Pela investigação de Rozman *et al.* (2010, p.8), o maior risco a que a população de catadores está suscetível é a infecção por HIV, devido aos riscos da coleta, havendo um índice de contaminação de 10 a 12 vezes maior do que a média nacional, o mesmo dando-se quanto ao contágio da hepatite por conta de seringas contaminadas. Além disso, essa população de catadores tem sido considerada, em estudos de Moraes e Siqueira (2007), como bem suscetível a “transtornos psicológicos e psiquiátricos e desintegração social (p.118)”, devido às condições precárias em que realizam seus trabalhos e em que vivem.

Estudos desenvolvidos por Mabuchi *et al.* (2007), na periferia do sul da cidade de São Paulo, mostraram que para suportar tanta adversidade os catadores fazem uso de bebidas alcoólicas, devido à situação em que se encontram, de viver em um meio ambiente hostil e de sentirem-se no abandono social que repercute em seu cotidiano na paisagem do lixo. Na compreensão deles a embriaguez os faz esquecer ou abrandar o cotidiano cruel dos riscos a

que estão submetidos, a desvalorização de sua atividade e profissão, e o ganho muito aquém de suprir suas necessidades básicas.

*Uma proposta de ensino sobre as paisagens invisíveis*

A nosso ver, existe uma interdependência entre ensino e comunidade, que funciona positivamente para a inserção social, no sentido de envolvimento da escola, ensino e a comunidade os catadores. Esta interação pode contribuir para promover soluções, leitura de mundo, e esperança de um futuro melhor. Nossa proposta foi de tornar o ensino significativo, trazer à baila a realidade da paisagem vivida, e relacionar algumas dimensões comunitárias que poderiam estar presentes no cotidiano dos catadores de lixo. Formalizamos uma proposta crítica e consciente o bastante para conhecer as questões sociais e políticas que estão a nossa volta e saber se posicionar sobre elas; não ficar apenas como espectadores ou receptores, procurando conscientizar-se, escolhendo, decidindo, prevendo e promovendo saídas, compreender que podemos transformar a realidade através da participação conjunta, dialogando, idealizando propostas que permeiem a ideia de todos. “É exatamente em suas relações dialéticas com a realidade, que devemos discutir a educação como um processo de libertação do homem.” (FREIRE, 2000, p.68)

Efetuem-se relações no espaço de convívio familiar, na escola e na comunidade durante as entrevistas em uma dinâmica das relações entre os indivíduos e estes meios integrados; estas relações refletem-se no modo de vida, em seus vínculos, e na comunidade em todo seu contexto cultural, compartilhando ou instituindo condutas que influem e auxiliam na solução dos problemas. Quando há compreensão de suas ações no conjunto das relações sociais, as estratégias utilizadas para a concretização de suas vidas diárias colocam-se como primordiais para o conhecimento das formas pelas quais os catadores percebem e interpretam a vida. Assim os costumes enraizados e herdados na comunidade passam a adquirir novas experiências com o propósito de articular propostas que envolvam a participação, debatendo táticas e novas condutas diante da necessidade de mudanças. Freitas (2008, p.24) destaca que “[...] o foco da discussão dirigido às relações entre as estratégias de ação, a vida cotidiana e as possibilidades de participação, deve-se considerar também as repercussões disto para realização e continuidade dos trabalhos em comunidade. ”

No envolvimento da comunidade com a escola durante as reuniões escolares, criam-se vínculos entre os membros, um empreendimento comum, novas experiências e até algumas normas de conduta entre eles. Este compromisso mútuo refere-se à dinâmica de uma rede de

comunicações autogeradora de empreendimento conjunto, e de ideias que podem gerar experiências positivas e vencedoras em conjunto com seus vizinhos para fazer progredir seus trabalhos. Conforme Freire (1987, p. 30), quando se entende a própria realidade, pode-se levantar suposições sobre ela, prever soluções e também transformá-la positivamente. Segundo Freitas (2002), Paulo Freire desenvolveu estudos que contribuíram para reflexão e ação transformadora sobre a opressão e a submissão em que vivia a sociedade brasileira.

As disparidades sociais presentes na sociedade brasileira também manifestam dois lados salientes na educação, que se envolve de um lado com os problemas de exclusão, estigmas e descaso social, de maneira que parte da criação de espaços de locução, de sinergia e de trocas de conhecimento de experiências bem-sucedidas, para a construção conjunta de alternativas. Para Lane (1981), “nosso modo de agir é determinado pelo grupo social ao qual pertencemos, definimos nossa identidade e peculiaridades”, por isso discutir a consciência social na escola, no trabalho e na comunidade pode desenvolver uma leitura crítica sobre a realidade, sobre os modelos do desenvolvimento global que se apresenta, a partir de uma abordagem sistêmica, ou seja, daquela que concebe o mundo como uma teia, uma rede dinâmica de relações. Contudo, apesar da urgência, existem dificuldades nos catadores de se colocar criticamente de frente com a realidade social em que vivem e analisarem o que determinou essa situação, isto é, o contexto histórico. Nossa primeira estratégia metodológica para interiorizar a realidade vivida pelos catadores foi a utilização do curta-metragem “A Ilha das Flores” (1989), de Jorge Furtado. Este filme pode servir de cenário para discussão, considerando que o filme versa sobre desigualdades sociais geradas pelo sistema capitalista excludente, tornando visível o problema dos catadores na paisagem (des)humanizada das cidades e o sistema de dominação e alienação. Precisam entender que é necessário ignorar as reações assistencialistas e buscar caminhos que conduzem para uma reação de autonomia.

À medida que a realidade concreta tem apresentado mais e mais problemas que incidem diretamente sobre a vida cotidiana e psicossocial das pessoas, mais desafios têm sido colocados à prática desses profissionais, para que compreendam e encontrem alternativas que, pelo menos, minimizem os problemas que trazem consequências para as pessoas em termos de stress psicossocial; de desagregação da rede de relações primárias e secundárias; de sofrimento psicológico nas situações familiares e de trabalho e de apatia, desamparo e baixo envolvimento nas decisões sobre a própria vida. (FREITAS, 1994, p. 9)

O propósito foi articular conexões entre o ensino da paisagem urbana; construído em intersecção com a comunidade, sustentou-se no desenvolvimento de atividades que

contribuíram para a modificação das situações de degradação social que geram desgaste psicossocial para a população de catadores de lixo, embora o modo de vida das pessoas que vivem imersas em ambientes degradados gere um certo conformismo, uma passividade para suportar condições limitantes de sobrevivência e o conhecimento crítico-histórico da realidade social.

### *A paisagem das ruas da cidade como local de trabalho*

Contraditoriamente, os catadores trabalham livres nas ruas, percorrem a paisagem dos jardins e praças ajardinadas, passam pelas vitrines das lojas de luxo e das fantasias ou necessidades de consumo, pelos supermercados abarrotados de comida e guloseimas, pelos restaurantes e panificadoras, perfumados de sabores, mas absolutamente nada disso faz parte de suas vidas, têm que conviver negando isso. Olhar sem ver, querer sem ter e sem poder pagar. Neste sentido, identificamos a subjetividade da relação entre sujeito e paisagem, e a invisibilidade das populações vulneráveis, como os catadores de materiais recicláveis presentes nas ruas da cidade. Daí a necessidade de refletir sobre o conceito de paisagem, conceito esse que está estreitamente ligada ao ensino da Ciência Geográfica. Nosso objeto nesta pesquisa é a paisagem artificial em sua subjetividade utilizado para descrever as paisagens do lixo. Quando se estudam as paisagens, mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro, chega-se à conclusão que a imagem atual é sempre uma herança de ações, de interesses ou não, dos habitantes do presente e do passado. (AB'SABER, 2003; SANTOS, 2008). Diferente de outros bens, a paisagem é um patrimônio coletivo. As populações passam e as paisagens, como todas as suas mensagens, permanecem. Para Claval (2001), o conceito de paisagem considera os aspectos de seu significado; a paisagem deve ser pensada como um somatório de características gerais. Para este autor a paisagem natural é aquela que reflete as formas e objetos da natureza; já a paisagem cultural aquela resultante da relação do ser humano com a natureza: as ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. As paisagens estão marcadas pelo universo subjetivo criado pelos seres humanos, e nele estão incluídos os sentimentos em relação às paisagens, ou seja, afetividades, vivências, experiências, valores, a cultura simbólica, as representações, identidades, empoderamento e territorialidades, refletindo diferentes fases e sentimentos, comportamentos, apropriação e poder.

As transformações efetuadas na natureza pelo trabalho e pela apropriação dos recursos em benefício da construção de bens de consumo produzem a paisagem artificial,

conforme descritos Santos (2008, p.71): “Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos do mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial. ” A paisagem artificial, construída conforme interesse de grupos econômicos, perde as características naturais, e a dimensão cognitiva da paisagem passa pela percepção que cada pessoa imprime a esse espaço conforme sua apreensão, a leitura que cada um traz do mundo, relacionado a sua cultura, profissão, escolaridade, religiosidade, etc. A percepção depende de cada interpretação, que será tanto mais válida quanto menos nos distanciarmos do risco de tomar como verdadeiro o que existe só na aparência.

Estudar a paisagem física e humana de um determinado lugar envolve o contexto histórico-geográfico, e nos remete a alguns questionamentos: o que está presente na paisagem é para todos? As paisagens têm status? Existe segregação social no espaço? O que vemos não está só no presente, mas está concretizado na imagem da cidade antiga, marcada pela disparidade e segregação social percorrida pelas gerações, no passado e no presente; espaço de muitos, mas não de todos; como exemplo vejam-se os pelourinhos ainda presentes nas praças de muitas cidades. As conquistas são lembradas e registradas, e as falências e prejuízos são camuflados, marcando as disparidades sociais; de maneira que tanto os elementos naturais como os sociais sofrem constantes transformações e interferência da evolução econômica, refletindo-se na luta da vida cotidiana das pessoas, principalmente para os que não têm emprego, recursos e escolaridade.

### **Procedimentos metodológicos da pesquisa**

Nossa proposta neste trabalho foi ensinar sobre a subjetividade da relação entre sujeito, paisagem e a invisibilidade social dos catadores de material reciclável encontrados no lixo, buscando detectar os efeitos psicossociais do viver do e no lixo para essas pessoas, que se repete na realidade brasileira e nas cidades pequenas, como em União da Vitória, PR. Na primeira etapa recorreremos aos trâmites éticos legais exigidos na pesquisa, para investigar a realidade vigente do universo dos catadores. Na sequência, na segunda etapa, debruçamo-nos em materiais já publicados, como livros, revistas, jornais, teses e dissertações disponibilizados na internet, ou impressos nesta temática. Com foco em desvendar a invisibilidade social dos catadores de materiais recicláveis nas paisagens urbanas e suas relações estabelecidas nesse deambular pelas ruas na busca de sobrevivência e de existência psicossocial em outros espaços geográficos do Brasil, principalmente nas capitais dos estados brasileiros, destacando-se os estados da região Sudeste, que possuem a maior concentração demográfica,

com características de urbanização espontânea, sem planejamento, o que potencializa problemas urbanos como resíduos sólidos acumulados na periferia das cidades, assim como populações em situação de vulnerabilidade social, que encontram no lixo recurso para sua manutenção pessoal. Destaca-se, conforme Minayo (2011, p.14), que o objeto qualitativo das ciências sociais “é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo.”

Também foi necessário, para entender a carência de vocação econômica do lugar, um estudo refletindo sobre o contexto histórico-econômico de União da Vitória-PR, marcado pela exploração dos recursos naturais de forma insustentável, que refletiu na descaracterização da paisagem e no empobrecimento das atividades rurais, desencadeando a urbanização espontânea, sem planejamento, para receber essa população rural. Este movimento populacional deslocou pessoas, em sua maioria sem recursos e com baixa escolaridade, para as exigências do mercado de trabalho; a saída encontrada foi o subemprego, alojando-se em áreas de risco ou sem infraestrutura acabaram criando oportunidade de sobrevivência no lixo. Na terceira etapa, no campo empírico, através de entrevistas não estruturadas com conversas livres baseadas em histórias de vida de 06 catadores, homens ou mulheres, pais ou mães de famílias ou representantes delas questionando sobre o trabalho de ambulância nas paisagens pelas ruas de União da Vitória, isso ficou registrado em diário de campo. O critério de escolha foi direcionado a catadores autônomos na faixa etária adulta. Na quarta etapa houve articulação comunitária. A relação entre comunidade e educação, além de contribuir para aproximar as pessoas em suas relações com o outro, cria parcerias e oportunidade de expressão, auxiliando e colaborando na discussão de soluções para problemas comuns relativos ao lugar onde vivem, em todo seu contexto histórico e geográfico.

### **Resultados:**

*O olhar do catador para a paisagem (des)humanizada da cidade: quem são os catadores?*

Este questionamento que fazemos adianta respostas prematuras diariamente no contato visual, que acaba familiarizando-se à atividade do catador como parte da paisagem (des) humanizada das cidades. Contudo esta familiaridade está distante de um diagnóstico correto sobre a marginalização em que se encontram esses trabalhadores; os problemas psicossociais aos quais estão submetidos em sua luta diária pela sobrevivência vividos nesta atividade são propositalmente ignorados, subestimados e combatidos pela população que, contraditoriamente, considera-os necessários para a higienização e limpeza do ambiente

urbano (BOSI, 2008; CASTRO, 2012). Embora os urbanistas preocupem-se com a paisagem organizada e planejada das cidades, em toda sua alocação, jardinagem, ruamento e funcionamento da circulação de pessoas e veículos motorizados, isso não torna a cidade mais humana; ao contrário, o índice de criminalidade e problemas urbanos é manchete dos jornais diariamente. Para proteger-se, a população cerca-se de todos os alarmes, seguros, muros, guardiões, policiamento, e outros serviços de segurança. Nesta mesma paisagem urbana marcada pelas disparidades sociais vivem os catadores, que trabalham nas ruas, planejadas e pensadas para as pessoas que vivem com um padrão de vida de consumo, casas e carros de luxo. Esta é a paisagem transitada pelo catador, diuturnamente, olhando sem desejar morar, comer, vestir, ou dirigir, apenas caminhar e recolher o que foi considerado desnecessário, colocado no lixo. As informações sobre a realidade vivida são marcadas pelas adversidades advindas das longas caminhadas de coleta, enfrentando a irregularidade do terreno percorrido, as intempéries climáticas, o esforço para transportar o peso, os riscos no trânsito, o contato com elementos nocivos à saúde humana, incluindo objetos cortantes, o descaso e o desprezo da população de produtores de lixo (CAVALCANTE; FRANCO, 2007; CUNHA, 2011).

Contudo, mesmo diante de tantas adversidades, dificuldades e poucas perspectivas de melhora, a despeito de tudo, esses trabalhadores encontram na atividade de catação recursos de sobrevivência. O que se passa então na vida dessas pessoas que catam lixo como sobrevivência ou trabalho alternativo? Seria muito superficial dizer que essa é uma escolha e que ficam satisfeitos com a liberdade que possuem em suas atividades. O catador não fez uma opção por esse trabalho, mas inseriu-se nessa atividade por sobrevivência, condicionado pelas características da urbanização selvagem. As características que desencadearam a urbanização das cidades são elucidadas na Geografia Humana e Econômica, em suas fases de desenvolvimento e sequência ocupacionais evidenciadas nos setores de atividades econômicas apresentados por Santos (2003, 2004, 2008). Existe uma migração invisível no Brasil, que movimenta a população de baixa renda para as periferias das cidades não planejadas em busca de emprego, oferecendo mão de obra a qualquer preço e submetendo-a a vínculos de trabalhos que ignoram a dignidade humana. Desta maneira o olhar do catador para a paisagem (desumanizada) da cidade também é marcado pelas poucas oportunidades de trabalho; é garimpar oportunidades nesta realidade vivida, tecendo uma malha fiel de informações sobre os riscos, desafios e dilemas muitas vezes vividos silenciosamente.

### **Discussão dos resultados:**

*Que desafios são vividos no cotidiano do catador?*

Acreditamos que o ensino poderia contribuir, com uma leitura de mundo diferente sobre as oportunidades de um trabalho que ofereça segurança, saúde e valorização pessoal, considerando que as oportunidades para os que não têm escolaridade ficam reduzidas principalmente ao setor primário de ocupações e à exploração da mão de obra mais pronunciada. Estas oportunidades de trabalho ligado à mão de obra primária, com baixa ou nenhuma escolaridade, vem sendo substituídas pelas novas tecnologias paralelamente à urbanização das cidades que receberam um contingente populacional que não é absorvido pelo mercado de trabalho, e vai morar em áreas com crescimento espontâneo sem infraestrutura ou planejamento urbano necessário para acolher essa população (BAEDER, 2009; CUNHA, 2011; GONÇALVES, 2004).

*Viver como ilhas nas ruas*

A atitude arredia das pessoas em relação aos catadores isola-os, como se não fizessem parte daquele espaço, verdadeiras ilhas; embora cercados por todos os lados pelo ambiente da cidade, são isolados. Isso leva-nos a questionar que aspectos teriam mudado e quais permaneceriam os mesmos na trajetória destes trabalhadores em suas atividades. O trabalho de catação aparece marcado por duas concepções assim caracterizadas: uma delas acontece quando esta atividade de catação é vista como parte de um programa ambiental que beneficia, higieniza e limpa o ambiente da sociedade urbanizada; por outro lado, a exclusão social e mesmo expulsão social revela-se em ignorar a presença dos catadores como se fossem “ilhas urbanas”, firmando descaso social com essa população de trabalhadores. Este conflito entre aceitação e repulsão da profissão dos catadores caracteriza-os como necessários à limpeza, mas isolados do convívio social. O nível de segregação para com as mulheres é maior, associadas a algumas capacidades consideradas propícias aos homens nesta atividade, desvalorizando o trabalho feminino, o que acaba discriminando, reforçando preconceitos como estratégia de competição e possíveis negociações que desvalorizam o trabalho das mulheres, potencializando o isolamento. Este efeito desencadeia um processo de convivência solitário em um clima de desconfiança, no trabalho e entre os (as) colegas de trabalho, que são vistos com desconfiança, muitas vezes até como inimigos, mesmo convivendo com as mesmas dificuldades, problemas, inseguranças e incertezas. Este efeito é comum tanto nos homens como nas mulheres, e os resultados desses desajustes de relações acabam

prejudicando as possibilidades de cooperação ou de autoestima.

Em um segundo momento derivado desse paradoxo, surge outro desafio relativo ao despreparo, e mesmo à ignorância dos perigos encontrados no lixo, talvez relativo à própria necessidade de sobreviver, que mais parece aliená-los a fazê-los aceitar com conformidade a realidade que vivem. A situação de exploração social e condição desumana a que estão submetidos os catadores de lixo pode ou deveria gerar a união dos que estão nessa situação, para perceberem os obstáculos a serem superados através de ações coletivas e participativas, compreendendo os limites socialmente construídos. Isto poderia colaborar para a transformação social, pois como nos esclarece Freire (1987, p.50),

[...] no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora não signifique, ainda, a mudança de estrutura.

Na sociedade dos consumidores a atividade do catador é necessária enquanto parte de um mecanismo que exclui seu lixo, sem responsabilidade e compromisso ético com a profissão de quem conduz seus resíduos; ignorando a dimensão psicossocial, que perpassa a rede de relações do catador identificado como lixeiro. Invisíveis, nas cidades são ignorados e subestimados, vistos como ambulantes, ladrões, testemunhos da pobreza enraizada pelas disparidades sociais presentes na sociedade capitalista, em países em desenvolvimento com fortes características de subdesenvolvimento como o Brasil.

Desta forma, a luz da Psicologia Social Comunitária nos faz entender o que as categorias geográficas no estudo das paisagens não respondem, como Freitas (2003, 2005, 2008) e Lane (1981, 2001) numa análise psicossocial. Para entender como se processa a identidade dessas pessoas que encontram recursos de sobrevivência nos restos considerados lixo, podemos pensar em duas possibilidades: O primeiro caso: presente nos chamados processos de naturalização da vida cotidiana, quando percebemos os fracassos ou dificuldades, identificando os diferentes pontos de deficiência, marcados pela pouca ou nenhuma formação ou mesmo informação sobre os riscos pelos quais passa, como estratégia de sobrevivência, o catador prefere ignorar ou distanciar-se da verdade para suportar o sofrimento cotidiano. No segundo caso, o conformismo diante da injustiça, da invisibilidade social, que gera um silêncio provocado pela vergonha de ter que se submeter a catar lixo para viver; o passar invisível é uma maneira de anestésiar o sofrimento que a realidade lhes traz. Pode-se pensar em uma educação politizadora e significativa que forneça subsídios à própria

realidade social e comunitária, com propostas que contribuam para superar os problemas do contexto histórico, social e cultural do qual fazem parte. Paulo Freire (2000) destacou que para sair da condição de oprimido deve-se compreender a realidade, olhando-a de sua condição de oprimido não para ficar nela, mas para sair e libertar-se.

Assim, oportunizar para os catadores a construção de análises críticas através da educação poderá colaborar para que a realidade social possa ser modificada através da participação conjunta e dialógica em torno de um projeto comunitário comum. Pode-se apoiar nas palavras de Freire (1987, p. 30): “Quando se entende a própria realidade, podemos levantar suposições sobre ela, prever soluções e também transformá-la positivamente”.

## Referências

AB’SABER, A. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BAEDER, A. M. **Educação ambiental e mobilização social: formação de catadores na Grande São Paulo**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009.

BOSI, A. de P. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, junho/2008, p. 101 – 117.

BRASIL. Jornal. **Diagnóstico do manejo de resíduos sólidos urbanos – 2004**. Programa de Modernização do Setor Saneamento. Disponível em: <<http://www.snis.gov.br/>> Acesso em: 22 nov. 2014.

CASTRO, E. A. S. de. Segregação sócio espacial, constituição do sujeito e significação do cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1. Belo Horizonte: abr. 2012, p. 75-83.

CAVALCANTE S.; FRANCO, A.F.M. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.7, n.1, p.211-231, mar. 2007.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CUNHA ,M. R. R. L. da. Lixo, identidade e trabalho: a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia. **Sociedade e Cultura** v. 14, n. 1. Goiânia: jan./jun. 2011, p. 53-61.

FAGUNDES, J; RIBAS, J.O. **Monografia de Porto União: Hermínio Millis**. União da Vitória: Kayganguê, 2002.

FERRON, M. M.; LIMA, A K. de.; SALDIVA, P. H. N.; GOUVEIA, N. Intoxicação ambiental por chumbo em crianças de Porto Alegre. **Saúde Pública** v. 46, n. 2, set./dez. 2012, p. 226 - 33.

FREITAS, M. de F. Q. de. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, R. H. de (Org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 54 – 80.

\_\_\_\_\_. Contribuições da psicologia social e psicologia política ao desenvolvimento da psicologia social comunitária: os paradigmas de Silvia Lane, Ignacio Martin-Baró e Maritza Montero. **Psicologia & Sociedade/ABRAPSO**, v. 8, n. 1, 1996, p. 63-82.

\_\_\_\_\_. Prácticas em comunidad y psicologia comunitária. In: MONTERO, M. (Org.). **Psicologia social comunitária: teoria, método y experiencia**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2002, p. 13 – 166.

\_\_\_\_\_. Docência, vida cotidiana e mundo contemporâneo: que identidades e que estratégias de sobrevivência psicossocial estão sendo construídas? **Educar em Revista**, ed. especial. Curitiba: UFPR, 2003, p. 137 – 150

\_\_\_\_\_. (In)coerências entre práticas psicossociais em comunidade e projetos de transformação social: aproximações entre psicologias sociais da libertação e comunitária. **Psico**, v. 36, n. 1. Porto Alegre: PUCRS, 2005, p. 47 - 54.

\_\_\_\_\_. Estratégias de ação comunitária e mudança social: relações da vida cotidiana e dos processos de participação. In: DIMENSTAIN, M. (Org.). **Psicologia social comunitária: aportes teóricos e metodológicos**. GT. Psicologia Comunitária/ANPEPP. Natal: EduFRN, 2008, p. 23 – 42.

\_\_\_\_\_. Projetos sociais comunitários: o que as publicações da ABEM têm revelado? In: SOUZA, J. *et al.* **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GAZZINELLI, M. F.; LOPES, A.; PEREIRA, W.; GAZZINELLI, A. Educação e participação dos atores sociais no desenvolvimento de modelo de gestão do lixo em zona rural em Minas Gerais. **Educação & Sociedade** v.22, n. 74, 2001, p. 225 - 241.

GONÇALVES, R. S. **Catadores de materiais recicláveis: estudo de suas trajetórias de vida, trabalho e saúde**. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2004.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Os que sobrevivem do lixo**. v.10, n. 77, 7 out. 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saneamento básico – 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 13. Ed. 3. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 10 – 19.

LAZZARI, A. M.; REIS, C. B. Os coletores de lixo urbano no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seus processos de trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva** v.16, n.8, 2011, p. 3437 - 3442.

MABUCHI, A. S.*et al.* O uso de bebidas alcólicas por trabalhadores de serviço de coleta de lixo. **Revista Latino-americana de Enfermagem** v.15, n.3, maio – jun. 2007, p.446 - 452.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade** v.18, 2006, p.62-71.

MEDINA, M. **The world's scavenger**: salvage for sustainable consumption and production. United Kingdom (De preferência trocar pelo nome da cidade): Altamira Press, 2007.

MINAYO, M. C. de S.(Org).Juntamente com DESLANDES, S.F.; GOMES,R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

MORAES, M. S.; SIQUEIRA. M. M. Saúde Coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n.2, 2007. p.2115-2122

PORTO, M. F. de S. *et al.* Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública** v.20, n.6, 2004, p.1503 - 1514.

RÊGO, C. F. R. de; BARRETO, M.; KILLINGER, L. C. O que é lixo afinal? Como pensam mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano. **Cad. Saúde Pública** v.18, n.6, 2002, p.1583 - 1592.

RIESEMBERG, A. **A instalação humana no Vale do Iguaçu**. União da Vitória-PR: Do autor, 1989.

ROZMAN, M. A. *et al.* Anemia em catadores de material reciclável que utilizam carrinho de propulsão humana no município de Santos. **Revista Brasileira de Epidemiologia** v.13, n.2, 2010, p.1 - 10.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. Em colaboração com Denise Elias. 6. ed. São Paulo: Ed. Edusp, 2008.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. da. Os significados do lixo para catadores e garis de Fortaleza. **Ciência & Saúde Coletiva** v.16, n.8, 2011, p. 3413 - 3419.

SEVERO, R. G. **Catadores de materiais recicláveis da cidade de Pelotas**: situações de trabalho. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2008.

SILVA, C. **Apontamentos históricos de União da Vitória**. União da Vitória: Do autor, 1933.

THOMÉ, N. **Sangue, suor e lágrimas no chão do Contestado**. Caçador: INCON/UNC, 1992.

VELLOSO, M. P.; SANTOS, E. M. dos; ANJOS, L. A. do. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. **Ciência & Saúde Coletiva** v.10,2005, p.49–61.

\_\_\_\_\_. Os restos na história: percepções sobre resíduos. Revista **Ciência & Saúde Coletiva** v.13, n.6, 2008, p.1953-1954.